

Para citar esse documento:

NHUR, Andréia. Proposta cartográfica para balizar pesquisas em dança. *Anais do V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança*. Natal: ANDA, 2017. p. 721-734.



www.portalanda.org.br

PROPOSTA CARTOGRÁFICA PARA BALIZAR PESQUISAS EM DANÇA

Andréia Nhur (USP)*

RESUMO: O presente artigo reúne discussões emergentes do encontro de pesquisadores em dança junto ao Comitê Temático Memórias e Devires em Linguagens de Dança, durante o V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança, em junho de 2017. À luz de uma perspectiva cartográfica, este texto pretende navegar pelas pesquisas apresentadas no encontro, a fim de balizar algumas questões nodais e referenciar focos de discussão relativos ao *modus operandi* deste grupo dentro da ANDA. Na tentativa de olhar para as pesquisas como coleção de abordagens em torno de alguns eixos comuns, duas grandes rodas de conversa se apresentaram em relevo: uma interessada nos assuntos de memória e outra voltada para questões de história. Dessa cisão, inúmeras perguntas foram formuladas, com base nas especificidades de seus domínios, deflagrando problemas convergentes no campo de relações entre história, memória, cultura, tradição, política e poder.

PALAVRAS-CHAVE: Comitê. Memória. História. Dança. Cartografia.

CARTOGRAPHIC PROPOSAL FOR MAPPING RESEARCH IN DANCE

ABSTRACT: This article gathers discussions coming from the researchers' meeting of Thematic Committee's Memory and Becomings in Dance Languages during the V National Scientific Meeting of Researchers in Dance of ANDA, in June 2017. Starting from a cartographic perspective, this text aims to navigate through the presented researches to reveal some important questions. It also intends to highlight discussions over the *modus operandi* of this research group inside ANDA. In order to analyse this researches as a collection of approaches with common issues, two large discussions arose: the former interested in memory subjects and the other directed towards the History field. Several questions resulted from this rupture, based on specific domains. Therefore, many convergent concept problems were revealed, relating History, memory, culture, tradition, politics and power.

KEY WORDS: Committee. Memory. History. Dance. Cartography.

O presente texto é uma proposta de relato reflexivo a partir de discussões emergentes do encontro de pesquisadores do Comitê Temático Memórias e Devires em Linguagens de Dança, coordenado por mim, durante o V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança, da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança-ANDA, em 2017.

Balizado por uma perspectiva cartográfica, este artigo intenta colocar em relevo alguns tópicos conceituais e estruturais, procedentes das conversas do grupo de pesquisadores em questão, considerando a diversidade de proposições e abordagens que qualificaram o encontro como um agregado de diferenças.

Este comitê se reuniu durante os dias 11 e 12 de junho de 2017, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. Dentre os 20 trabalhos inscritos e selecionados, apenas 17 foram apresentados, sendo 14 apresentações orais e 3 painéis. Ao longo das reuniões, o comitê contou com a presença da pesquisadora Christine Greiner¹, que contribuiu com a mediação e a problematização dos debates, na condição de convidada.

A presença de um(a) convidado(a) foi uma sugestão do Conselho Científico da ANDA com o propósito de diferenciar um Encontro Científico de um Congresso. Nesse contexto, a participação dos convidados nos comitês anunciava-se como provocação para construção de um campo de discussões mais próximo de um grupo de estudos do que de um comitê de apresentações de pesquisas.

Em 13 de junho, último dia do Encontro Científico, o evento reservou espaço para uma mesa de debates sobre o panorama dos estudos travados durante as sessões de

¹ Christine Greiner é jornalista, pesquisadora e professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É autora dos livros *O Corpo, Pistas para Estudos Indisciplinares* (2005) e *O Corpo em Crise, Novas Pistas e o Curto-Circuito das Representações* (2010), entre outras publicações. Possui pós-doutorado pela International Research Center for Japanese Studies(2006), pela New York University(2007) e pela Universidade de Tóquio(2003). Suas pesquisas se dividem entre investigações sobre cultura japonesa e estudos interdisciplinares acerca das relações entre corpo, comunicação e dança.

trabalho dos comitês. Tal mesa, intitulada “Mesa Redonda: panorama das pesquisas em dança”, contou com a participação dos pesquisadores convidados como debatedores dos apontamentos gerados nos encontros. Greiner, nossa convidada, apresentou sua visão sobre o processo vivenciado junto ao comitê Memórias e Devires em Linguagens de Dança, alvitrando os temas emergentes das pesquisas ali apresentadas.

Antes de adentrar o relato das pesquisas e enredá-las a uma perspectiva teórica cartográfica, situo a voz de Greiner como presença constante nos prosseguimentos e discussões contidas aqui. Na intenção de medrar a seara de pesquisas sobre memórias, temporalidades, histórias e tradições, eu – na função de coordenadora do comitê – e Greiner – em seu papel de provocadora convidada –, travamos um diálogo constante que se escoou na forma deste amontoado de descrições e ideias apresentadas a seguir.

Coordenadas para montar mapas de navegação

Nas semanas que antecederam o encontro presencial, pré-organizei as pesquisas em áreas afins, como proposição inicial para pequenos agrupamentos durante as reuniões do comitê – proposição esta sugerida em parceria com Christine Greiner. A divisão e os resumos de cada trabalho foram enviados a todos os inscritos por e-mail, para que iniciássemos por ali o início das conversas sobre modos de funcionamento, cronogramas e conteúdos. Nesta etapa de comunicação virtual, a ideia de agrupar os trabalhos em assuntos afins se chocou com a vontade de conhecer todas as pesquisas e fazer uma única discussão com todos os presentes, dividindo o tempo por apresentações. Por fim, apesar de tentarmos direcionar uma organização prévia, a estrutura de funcionamento do comitê se deu em regime presencial, no primeiro dia do encontro.

Iniciamos a reunião no período da manhã, com uma grande roda, onde todos puderam se apresentar e falar sinteticamente sobre seu trabalho, com pequenas aberturas para perguntas e comentários. Mais tarde, retomamos a reunião para uma segunda rodada de apresentações, agora com tempo mais alargado para explicações mais detalhadas

acerca das pesquisas. O combinado era encontrar afinidades de campos de estudos e objetos para que, no dia seguinte, fizéssemos a subdivisão de grupos.

No segundo dia, os pesquisadores se dividiram por eixos temáticos, como: historiografia em dança, abordagens históricas marginais, relações entre memória e corpo, memória e gesto, memória e tradição. Todavia, uma curiosa divisão geográfica se aprontou, apartando os participantes em apenas dois grandes agrupamentos, situados em duas salas. Num dos grupos, ficaram 70% dos pesquisadores, reunidos por interesses comuns em assuntos de memória; no outro, numericamente mais restrito, compartilharam-se questões convergentes sobre historiografia e história da dança.

Tal cisão entre história e memória não é problema exclusivo deste encontro de pesquisadores, tampouco das discussões sobre dança. Trata-se de uma herança de mentalidade, emprestada de outros campos de saber, cujos desdobramentos para a pesquisa em dança podem evocar inúmeras implicações. Certamente, as discussões decorrentes dessa divisão foram férteis e pedagogicamente eficientes no âmbito dos interesses individuais contidos no comitê, todavia, indiciam um apontamento instigante sobre as narrativas que temos produzido a partir da relação entre dança, memória e história.

Tutor da delimitação da memória como um objeto de estudo, o sociólogo durkheimiano Maurice Halbwachs descreveu a memória como tudo aquilo que flutua, o concreto, o múltiplo, o sagrado, a imagem, o afeto, a mágica. Em contraposição a isso, a história seria exclusivamente crítica, conceitual, problemática e laicizante (DOSSE, 1998, p.6). Nessa perspectiva, a memória estaria ligada ao vivido, enquanto a história desempenharia o papel de um relógio marcador das divisões do tempo (DOSSE, 1998, p.6). Herdeira dessa mentalidade bipartida, a partir do século XV, a obra histórica passa a pertencer a um indivíduo historiador, porta-voz de um ponto de vista individual ou de uma dinastia, um monastério, uma diocese, um reino, um império ou uma república. Com isso, a escrita se oficializa como instância superior à oralidade e confere ao historiador o estatuto

de especialista crítico da memória (DOSSE, 1998, p.8).

A dança – na medida em que dispõe de corpos em ação no presente, processos coletivos, transmissibilidade, citabilidade entre corpos e obras, testemunhos, repertórios, arquivos, notações e narrativas documentais – exige uma historicidade insuflada pelos traços movediços da memória e uma memória com autoridade histórica. Do contrário, o binarismo que separa tais formulações em polaridades oponentes poderia alvitrar julgamentos acerca dos modos de produção de pensamento sobre danças, regulando não só as bibliografias – como habilitadas ou não a tratar de determinados objetos histórico-memoriais — como os próprios objetos (como assuntos de memória ou assuntos de história).

Nesse sentido, na tentativa de fazer conversar as pesquisas grosseiramente divididas em sala da memória e sala da história, desejo trazer para este texto a metáfora da cartografia de navegação – notadamente cunhada pelo antropólogo cognitivista Edwin Hutchins (1996) – a fim de olhar para as pesquisas como coleção flutuante de discussões diversas.

A *metáfora das cartas de navegação como ferramenta historiográfica* foi objeto de minha pesquisa de doutorado e aportou no Comitê Memórias e Devires em Linguagens de Dança, quando apresentei, brevemente, a hipótese de meu trabalho acadêmico². Longe de querer impor uma leitura aos estudos dos colegas, trago este conceito-corpo como modo de operar uma reunião de diversidades numa disposição cartográfica. Ora, são inúmeras e distintas as abordagens reunidas no comitê, sobretudo porque são heterogêneos os ambientes de fomento da produção acadêmica nesta seara que cintila a dança frente a prerrogativas teóricas advindas de outros campos de conhecimento como história, comunicação, antropologia, etnografia, filosofia, neurociência e sociologia, entre outros.

² Inscrita também como participante do Comitê, apresentei o trabalho “Cartografias historicomemoriais para narrar danças no tempo”, cujo foco lançava a “cartografia historicomemorial” como hipótese conciliadora entre memória e história em possíveis escritas históricas de/sobre dança.

Ademais, seria imperativo qualificar metodologias e julgar fundamentações quando os objetos de investigação – como se verá nos textos dos pesquisadores – envolvem imbricamentos complexos entre escrita acadêmica, prática artística e pesquisas de campo.

Nesse sentido, a compilação dos trabalhos como mapas responde menos a uma averiguação acerca das *fragilidades teóricas e metodológicas* que possam ter acometido certos estudos apresentados durante o encontro e mais a uma constatação ecológica de lugares de falas distintos, que denotam suas condições de pesquisa.

No artigo escrito por Rafael Guarato (2016), quando cumpriu a função de coordenador deste mesmo comitê, surgiram constatações concernentes ao tratamento de fundamentações teóricas que poderiam conferir a algumas das pesquisas apresentadas certa “fragilidade teórica e metodológica” (GUARATO, 2016, p.668). Em anos anteriores, Ana Teixeira (2014), também na condição de coordenadora, apontou provocações no tocante à qualidade das discussões empenhadas num comitê, cujo foco deveria ser a *troca*, em detrimento de uma *deliberação* de assuntos.

Diante dessas assertivas, tangencio as questões supracitadas, reafirmando-as como provocações pertinentes. No entanto, sob justificativa de buscar o concílio das diversidades – sem ferir divergências – , vislumbro tais apontamentos num mar de heterogeneidade, em que assuntos diversos (desde questões étnicas, passando por tradição, historiografia, gestos sociais, relação entre corpo e poder a estudos de autobiografia dançada) parecem carecer de construções epistemológicas singulares. Por serem diversas e irreduzíveis, as pesquisas apresentadas – embora possam responder a um conjunto avaliativo acadêmico que as cerceia— impossibilitaram-me de sustentar uma crítica pontual.

Em virtude dessa amostragem diversificada, reitero a proposta de olhar as pesquisas cartograficamente, com suporte na metáfora das *cartas de navegação*. Para Hutchins, as *cartas de navegação* seriam o conagraçamento entre o que se vê no mundo e a representação desse mundo, a partir da qualidade movediça do espaço marítimo

(HUTCHINS, 1996, 12-13). Em vez de demarcarem uma estratificação espaço-temporal, as *cartas de navegação* materializariam a imprecisão de localização no fluxo do mar, ou seja, constituiriam uma cartografia móvel, pois a água demarcada num mapa há cem anos indelevelmente foi deslocada e não mais se define pelas mesmas coordenadas.

Essa direção de pensamento nos sugere olhar os assuntos de memória-história da dança como conjunção de mapas móveis e cartografados em narrativas sempre provisórias. Assim, na regulação do jogo entre memória como fluxo e sua possível representação histórica fixa, os trabalhos apontados aqui configuram menos um índice quantitativo e qualitativo da produção acadêmica sobre história e memória da dança e mais um agregado de cartas. Tais cartas deflagram, em conjunto, quais problemas têm ventilado interesses e movido exercícios investigativos na trama entre corpo, dança, memórias, devires e pesquisa acadêmica.

A seguir, descreverei sucintamente os estudos apresentados, para deslindarmos os termos desse encontro e introduzirmos os textos que compõem os Anais do V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança.

Das 17 pesquisas enunciadas, apenas 8 resultaram em publicações do Comitê Memórias e Devires em Linguagens de Dança nos Anais. No entanto, a fim de observarmos o caldo diverso das produções acadêmicas reunidas neste conjunto, citaremos todas as investigações apresentadas.

Artigos e resumos expandidos que integram os Anais do V Encontro:

Vislumbrando a relação entre história da dança e literatura, a doutoranda Giovana Beatriz Manrique Ursini, da UFSC, apresenta o artigo “Movimentações Escritas: a representação da dança contemporânea em textos literários”. Seu olhar investigativo parte da área da tradução e da literatura para pensar os textos escritos por artistas da dança como Simone Forti, Yvonne Rainer e Trisha Brown.

Sofia Seraphim, orientada pela professora Rosana Pimenta, da UFV, traz o resumo expandido intitulado “A direção coreográfica na Mímulus Cia. de dança: as danças de salão como matéria prima para criação em dança”. A partir de uma perspectiva historiográfica de abordagem qualitativa, o estudo tem por objeto o trabalho artístico, no campo da dança de salão, da Mímulus Cia. de dança.

No artigo “Petrouschkas potiguares ou quando a dança natalense se faz masculina”, o professor Marcilio de Souza Vieira (UFRN) ventila uma investigação sobre a dança masculina na cidade do Natal-RN, por meio de uma abordagem metodológica qualitativa calcada na análise do discurso. Reunindo recortes de jornais e documentos, o pesquisador intenta superar o silenciamento e a ausência de registros sobre bailarinos, coreógrafos e professores que marcaram a dança potiguar, como Roosevelt Pimenta, Edson Claro, Dimas Carlos, Eugenio Pacceli, Zezo, Willy Helm, Sávio de Luna, Edeilson Matias, Domingos Costa, dentre outros.

Mariana Cunha Callegario, mestranda da UFRJ, traz o texto “Tereza Petsold e a dança iguaçuana: trajetórias e memórias”, dedicado à narrativa histórica sobre Tereza Petsold, figura importante no mapeamento da dança de Nova Iguaçu.

“Territórios do fazer: corpo e trajetória na dança afro de Raimundo Bispo dos Santos” é o título da pesquisa de Luziana Cavalli de Oliveira, mestranda do PPGAC da UFRS. O artigo propõe análise da dança de matrizes africanas presentes na prática de Raimundo Bispo dos Santos, conhecido como Mestre King, a partir de investigação historiográfica de narrativas de memória e de corporeidade, que deflagram seu fazer artístico e pedagógico cunhado por matrizes estéticas afro-brasileiras.

Oriunda dos campos de estudo da geografia, Ilana S. dos Santos, mestranda da UFRN, investiga a relação entre dança e lugar, sob a ótica de Milton Santos e Pierre Nora, com intuito de averiguar que lugar a dança dos Congos de Calçola ocupa na Vila de Ponta Negra, em Natal-RN. Seu texto, intitulado “Entre o passado e o presente: os lugares de

memória da Vila da Ponta Negra sob o olhar da dança dos Congos de Calçola” intenta recontar, através das memórias dos brincantes, a importância da Vila como lugar de síntese de cultura tradicional e de novas configurações ocorridas no lugar ao longo do tempo.

No artigo “Uma poética do gesto, criação e expressão das memórias inscritas no corpo”, o doutorando pelo PPGAC da USP e professor da UNESPAR, Stênio José Paulino Soares interessa-se pelo gesto cênico como forma de narrar, advindo da cultura oral, em contraposição à soberania da escrita e do verbo.

Painéis e apresentações orais que não resultaram em publicação:

O artista da dança, historiador e professor Rafael Guarato, da UFG, apresentou o trabalho “A autoridade das fontes históricas sobre pesquisadores de dança no Brasil”, denotando seu interesse pelo modo como os historiadores da dança lidam com as fontes. Em seu estudo, ele detectou que a fonte histórica preferida dos escritos que se lançam na empreitada de acessar o passado da dança do Brasil tem sido a crítica de dança. No entanto, pela ausência de outras fontes e discussão metodológica específica, os historiadores de dança tendem a usar tais fontes acriticamente, elevando-as à categoria de fato.

Também no campo da historiografia, Roberta Ramos Marques, pesquisadora e professora-doutora do Curso de Licenciatura em Dança da UFPE, aventou uma discussão acerca do corpo como arquivo no ensino de história da dança, a partir de uma abordagem historiográfica afetiva, emancipatória e performativa. No trabalho “Articulações conceituais para um enfoque performativo da história da dança”, a pesquisadora se debruçou sobre conceitos como *re-enactment*, *historiografia performativa* e *metamemória* - que podem elucidar o caráter performativo proposto à abordagem do ensino de História da Dança.

Ana Cristina Echevengúá Teixeira, professora da PUC-SP, apresentou o trabalho “Etiqueta, corpo e poder: dançando as regras da corte”, em que se debruçou sobre o

conceito de “etiqueta”. Engendrada por um estudo acerca das relações entre corpo e poder, a noção de “etiqueta” foi analisada como modo de manutenção da “organização” do corpo social à luz do reinado francês do final do século XVII e de meados do século XVIII, período em que o ensinamento da dança foi sistematizado a partir de um conjunto de regras e códigos a ser praticado pela corte.

Fernando M. C. Ferraz, professor da Escola de Dança da UFBA, realizou a apresentação oral intitulada “Eusébio Lobo: caminhos abertos na diáspora”, em que buscou pensar – via estudo das narrativas sobre o bailarino, pesquisador e professor Eusébio Lobo — a relação entre a dança afro norte-americana e a dança afro-brasileira (dança negra nos EUA e dança negra no Brasil), atualizando discussões sobre nomenclaturas (negro, afro) e observando intersecções entre territórios diaspóricos.

Ainda no campo de estudo das danças diaspóricas, o painel “Diáspora africana na dança: notas sobre o projeto de extensão da UFPE”, dos estudantes de graduação Marcio Figueiredo de Sá Leitão e Maria Carolina Teixeira Miranda, da UFPE, dedicou-se a explicar o desenvolvimento das aulas do projeto de extensão da UFPE intitulado “Diáspora Africana na Dança”, cuja construção didática almeja identificar elementos da pluralidade trazida pelas danças diaspóricas africanas na elaboração de movimentos de danças do Brasil.

Doutorando do PPGAC da USP e professor da UFU, Daniel Santos Costa trouxe a relação entre memória, oralidade popular brasileira e memória performativa, como agenciamentos de lembrança e esquecimento no corpo. No trabalho “Corpo mnemônico: terra, terreiro, território...”, intentou aventar um “corpo mnemônico” resultante de suas experiências junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e às manifestações populares com as Umbandas e Folias de Reis.

Orientadas por Isabela Buarque, as estudantes de graduação Bruna Garcia de Oliveira Rocha, Dandara da Silva Ferreira, Mariana Mesquita e Silva e Mariana Cunha Callegario, da UFRJ, apresentaram o painel “História da Dança na cidade do Rio de Janeiro:

constituindo um Estado da Arte (2000-2015)”, em que se dedicaram a um estudo quantitativo de índices bibliográficos com finalidade de traçar o estado da arte da História da Dança na cidade do Rio de Janeiro a partir de trabalhos de campo realizados entre 2015 e 2017, com recorte temporal dos anos 2000-2015.

Já no trabalho “Estudos para uma dança depoimento”, a artista da dança e doutora pelo PPGAC da USP, Vanessa Macedo, apresentou formatos autobiográficos em dança e propôs compartilhar reflexões surgidas no Grupo de Pesquisa “memórias, arquivos e autobiografia nas Artes”, coordenado em parceria com a atriz Janaina Leite, enfocando conceitos e dispositivos para construção de uma “dança depoimento”.

Por fim, a professora Sayonara Pereira, da ECA-USP, no trabalho intitulado “Ensaio a partir do diálogo entre gestos do cotidiano e memórias inscritas no corpo para composições poéticas”, apresentou um recorte a partir de disciplinas ministradas na graduação, em que implementou as linhagens da *German Dance* em diálogo com o levantamento de memórias pessoais dos estudantes-bailarinos. Na trama entre memória, técnica e aprendizagem, o estudo aportou no questionamento do papel das lembranças mentais e fragmentos de histórias de vida como resquícios memoriais na história corporal do sujeito.

Cruzamento de coordenadas

Ao atravessarmos os assuntos, para além da divisão aprontada durante o encontro – que engendrava dois grupos orbitando em questões de memória e questões de história – elencamos uma série de problemáticas em relevo, tais como: modos de escritas históricas e tratamento de fontes; procedimentos pedagógicos para se pensar o ensino da história da dança; relação entre dança, memória, seleção e poder; problema da memória como inscrição; importância da oralidade; memória como lugar e não como local; compreensão do

tempo como temporalidades abrangentes; relação entre memória do corpo e criação; silenciamentos históricos; histórias diaspóricas e não-oficiais e discussões historiográficas (como escrever história da dança).

Na contramão de uma análise classificatória, que estabelece alavancas comuns para objetos de pesquisa comuns, reiteramos a perspectiva cartográfica como coleção de pistas distintas para tratar dessa diversidade de abordagens, com fundamentações teóricas díspares, recostadas em epistemologias também variadas. Embora um risco conceitual, apartando memória de história tenha aparecido como traço característico desse grupo de pesquisadores, uma pergunta final os agregou: É possível falar de memória sem falar em história ou falar de história sem pensar em memória?

Numa grande roda final, uma auto-avaliação tomou espaço, mapeando conjuntamente os interesses, aproveitamentos e descontentamentos em perguntas rarefeitas: que formato de organização atende à qualidade de discussão almejada num grupo de trabalho com pesquisas tão diversas? Que lugar legamos a assuntos que demandam discussões específicas, como dança negra ou histórias diaspóricas, se os referenciais teóricos que norteiam grande parte das abordagens sobre história e memória são europeus e colonizadores? Seria interessante cindir o comitê entre seus afluentes, gerando comitês voltados para assuntos específicos, em vez de buscar conciliar as discussões? Como não impor bibliografias e metodologias prontas a pesquisas práticas que buscam uma autonomia investigativa à deriva? Diante do que tem sido produzido, de que maneira é possível fortalecer a pesquisa historiográfica em dança, alicerçando estruturas conceituais menos imprecisas?

Esses, entre outros apontamentos, integraram um conjunto de mapas que não aprontam respostas imediatas, mas suscitam a criação de novas perguntas. Nesse contexto, em que a ideia de pergunta emerge como tributária de inacabamento, a proposição de se

pensar o comitê como grupo de estudos e não como vitrine de pesquisas, mesmo que timidamente, apareceu como baliza de trabalho.

Balizar, expressão advinda do campo da navegação marítima, para além de significar imposição de limites, surge como sinalização de zonas de perigo. Nesse sentido, a intenção cartográfica aparece como uma proposta de marcação flutuante das pesquisas – prenhes de investigações, aprofundamentos, problemas e zonas de alarme—, onde o leitor dos trabalhos publicados nos Anais, imbuído de suas coordenadas, poderá ou não se ancorar.

Referências bibliográficas

CAMARGO, Andréia Vieira Abdelnur. **Cartografias midiáticas: o corpomídia na construção da memória da dança**. São Paulo: PUC, 2012(tese de doutorado).

DOSSE, François. Entre histoire et mémoire: une histoire sociale de la mémoire. **Raison Présent**. Mémoire et histoire. Paris, Nouvelles Éditions Rationalistes: septembre 1998, p.5-24.

GUARATO, Rafael. A dinâmica periférica da pesquisa em dança In: IV Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança, 2016, Goiânia. **Anais do IV Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança**. Goiânia: ANDA, 2016. p. 665- 672.

HUTCHINS, Edwin. **Cognition in the wild**. Massachusetts : The MIT Press, 1996.

TEIXEIRA, A.C.E. Comitê Temático: Ambiente em que a troca de saberes deveria ser o desejo fundante do encontro. In: III Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança. da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança, 2014, Salvador. **Anais do III Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança**. Salvador: ANDA, 2014. p. 1-7.

ANAIS DO V ENCONTRO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA – ANDA
“DO HOMO POLITICUS AO HOMO OECONOMICUS: A DANÇA NO BRASIL DE HOJE”
UIFRN/NATAL-2017
ISSN: 2238-1112

* Andréia Nhur é bailarina, atriz e pesquisadora. Mestre e doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com estágio doutoral pela Université de Paris 8 e graduada em dança pela Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP. Desde 2013, é professora do Departamento de Artes Cênicas da ECA-USP. Sua pesquisa artística transita entre a dança e o teatro, em colaboração com os coletivos Pró-Posição Dança e Katharsis Teatro. (andreianhur@usp.br)